

Jorge Marques<sup>1</sup>

### RESUMO

Em *O outro lado do dia*, a escritora Helena Parente Cunha estrutura uma obra na qual textos poéticos se superpõem e se sucedem, erigindo uma narrativa em versos que remonta a viagem do eu-lírico a terras japonesas. Nesse périplo, os caminhos de encontros e perdas avançam por territórios da interioridade, ao mesmo tempo em que o Japão se revela, paradoxalmente, indecifrável. Este trabalho pretende refazer essa delicada e complexa trajetória, refletindo criticamente acerca dos desdobramentos do conceito de viagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** poesia; viagem; Japão

### ABSTRACT

In *O Outro lado do dia*, the writer Helena Parente Cunha structures a work in which the poetical texts overlap and follow each other, building a narrative in verses that takes the self back to Japanese lands. In this adventure, the paths of misencounters and losses go through territories of the inner self, while Japan reveals itself, paradoxically, impossible to read. This work intends to remake this delicate and complex path, critically reflecting about the unfoldings of the Journey concept.

**KEYWORDS:** poetry; trip; Japan

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras (Língua Portuguesa - Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui mestrado em Letras (Letras Vernáculas - Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorado pelo mesmo programa de pós-graduação, sempre sob a orientação da Professora Doutora Elódia Xavier. É professor efetivo do Colégio Pedro II (Campus Engenho Novo II) e do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Sua área de estudo é Letras, com ênfase em Literatura Brasileira. Como crítico literário, é autor de *As Lacunas do Amor*, *Personagens Femininas: confinamentos, deslocamentos* e *Finas Flores: mulheres letradas na canção brasileira*. Atua principalmente nos seguintes temas: estudos de gênero, narratologia, topoi, análise, Música Popular Brasileira. E-mail: jorgelmarques@globocom

### ÍTACA

Se partires um dia rumo a Ítaca,  
faz votos de que o caminho seja longo,  
repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem Lestrigões nem os Ciclopes  
nem o colérico Posídon te intimidem;  
eles no teu caminho jamais encontrarás  
se altivo for teu pensamento, se sutil  
emoção teu corpo e teu espírito tocar.

Nem Lestrigões nem os Ciclopes  
nem o bravo Posídon hás de ver,  
se tu mesmo não os levars dentro da alma,  
se tua alma não os puser diante de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão  
nas quais, com que prazer, com que alegria,  
tu hás de entrar pela primeira vez um porto  
para correr as lojas dos fenícios

e belas mercancias adquirir:  
madrepérolas, corais, âmbar, ébanos,  
e perfumes sensuais de toda espécie,  
quando houver de aromas delectos.

A muitas cidades do Egito peregrina  
para aprender, para aprender dos doutos.

Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos levars de jornada  
e fundeares na ilha velha enfim,

rico de quanto ganhaste no caminho,  
sem esperar riquezas que Ítaca te desse.

Uma bela viagem deu-te Ítaca.

Sem ela não te ponhas a caminho.

Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.

Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.

Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,  
e agora sabes o que significam Ítacas.

(Constantino Kavafis)

De Marina Colasanti (*Passageira em trânsito*, 2009) a Maria Teresa Horta (*Poemas do Brasil*, 2009), passando pelo antológico *Poemas escritos na Índia* (Cecília Meireles, publicado originalmente em 1953) – isso só para nos restringirmos ao universo lusófono – não são poucos os exemplos de volumes de autoria feminina que se mobilizam em torno do empreendimento de uma viagem. Este artigo se dedica ao estudo de obra de caráter similar: o sensível livro de poemas de Helena Parente Cunha, intitulado *O outro lado do dia* (1995).

Já disse o também poeta Pedro Lyra que

a história da poesia registra muitos casos de livros resultantes de viagens de poetas (ex: o *Child Herald*, de Byron). A razão é simples: se é criação (*isto é: produção do novo*), a poesia é uma forma de viagem, que é o encontro com o novo. Essa identificação faz da viagem não apenas uma forma de poesia, mas poesia em si mesma. A missão do poeta/ viajor, no caso, consiste em materializar em poemas as impressões/ efeitos desse encontro sobre sua sensibilidade. (1995, p. 13)

Mas, afinal de contas, o que é uma viagem? O que motiva os indivíduos a transitarem ao largo de espaços desconhecidos, muitas vezes padecendo de desconforto? Por que e para que conhecer novos lugares? E ainda: se ficarmos restritos às matrizes tão bem delineadas por Walter Benjamin, o que leva alguns de nós a sermos “camponeses sedentários” e tantos outros a serem inveterados “marinheiros comerciantes”?

No livro *Personagens femininas: confinamentos, deslocamentos*, já realizamos uma tentativa de catalogar alguns tipos de viagens e viajantes. Verdade é que, na obra mencionada, tratamos especificamente da questão do deslocamento e dos trânsitos pós-modernos. Nosso esforço epistemológico levou-nos então à catalogação de

quatro tipos de viajantes diversos, respectivamente denominados de (1) turista tradicional; (2) mochileiro *flanêur*; (3) executivo em viagem de negócios; (4) estudante temporário (estudante de intercâmbio). Numa síntese superficial do que é tratado mais profundamente no mencionado estudo, podemos dizer que, se não chegamos a ser turistas – rápidos passageiros que apenas vislumbram paisagens e culturas –, indivíduos que viajam ao exterior com o objetivo de estudar estabelecem relacionamentos balizados, na maior parte das vezes, por aquilo que coloquialmente se denomina de “prazo de validade”. Salvo exceções, ao retornarem aos cotidianos de suas vidas no país de origem, eles não dão continuidade aos laços fraternais construídos no exterior – ou, se mantêm tais ligações, elas, via de regra, acabam por falir paulatinamente, açodadas pelo cotidiano implacável que soterra as melhores intenções de manutenção sistemática de contato. Outro tipo de viajante, o “mochileiro *flanêur*”, vaga a esmo, aprofundando aqui e ali contatos diversificados, e tem no imprevisto e na surpresa os principais atrativos da sua caminhada. Descompromissadamente, ele flerta (de modo deliberado ou não) com o perigo da falta de recursos, componente quase indispensável para o seu deambular. Na maior parte das vezes a aventura desse “cidadão do mundo” é trilhada individualmente por alguém descolado de afetos mais profundos, os quais, caso se manifestem, revelam-se empecilhos que se impõem na continuação de sua jornada. Já o executivo em viagem de negócios está em um pólo oposto ao “mochileiro *flanêur*”, visto que o planejamento prévio constitui elemento essencial para a realização de suas funções. Nesse sentido, até mesmo situações aparentemente distensas em sua viagem, tais como almoços e festas, nada mais são do que etapas necessárias para que o roteiro dos interesses comerciais seja bem-sucedido. Por isso mesmo, a excursão do executivo em viagem é, via de regra, restrita a escritórios e ambientes fechados. A cidade é paisagem vista da janela de automóveis.

Algumas características aproximam e afastam os quatro tipos de viajantes supramencionados – o turista tradicional, o estudante temporário, o executivo em viagem de negócios e o “mochileiro *flanêur*”. Os três primeiros seguem um planejamento de viagem, têm datas definidas de ida e de volta. Mais ainda: sabem que voltarão ao lugar de origem. Já o último está tão à mercê dos acontecimentos que, no final das contas, sequer tem noção se voltará ou, ainda, quando voltará. O executivo já viaja com a perspectiva de que, no seu retorno, as ações postas em prática redundem, de algum modo, em benefícios no ambiente profissional. O estudante temporário compartilha com o executivo um aspecto “profissional” à sua viagem, visto que seu exílio passageiro se dá em troca de um acúmulo de conhecimento que será revertido em vantagens acadêmicas no seu retorno. Já o turista tradicional, embora talvez se interesse em conhecer a cultura e os costumes do país visitado através de um viés alternativo, move-se sob o signo da superficialidade: sua compreensão da nova paisagem é, via de regra, tão panorâmica quanto as inúmeras fotos gravadas na memória de sua máquina digital.

Fica, entretanto, uma pergunta: e quando a viagem foge do diapasão da efemeridade? E quando, como, no poema lido na epígrafe deste trabalho, a viagem tatua o íntimo do indivíduo, modificando-o em suas convicções, em seu modo de viver, em sua forma de enxergar a existência? Essa tipologia não foi contemplada nas reflexões empreendidas no estudo anteriormente mencionado – e, no contexto de análise, ela sequer era vislumbrada, já que este se limitava ao universo dos romances contemporâneos, com toda a carga de liquidez, superficialidade e descompromisso que parece, definitivamente, ser marca dos tempos atuais.

Sendo assim, se, na era pós-moderna, a viagem é tratada como parte do variado elenco lexical que transita em torno de termos como movência, entre-lugar, exílio, a viagem empreendida por Helena Parente Cunha em *O outro lado do dia* faz parte

de um universo semântico-existencial que orbita em torno de outros conceitos, tais como experiência, completude, permanência. Nesse sentido, algo contraditoriamente, o trânsito do eu-lírico do livro de Helena não é, necessariamente, transitório: a viagem, sem dúvida, excede quaisquer uma das experiências acima relatadas. Corroborando essa assertiva, declara a autora na apresentação do livro:

Proclamar que a minha viagem ao Japão constitui uma das mais belas e importantes experiências de minha vida, não passa de um recurso banal que tenho usado repetidas vezes, na falta de uma palavra grande e efetiva para fazer jus ao sentimento inexprimível provocado por esse acontecimento. (Op. cit., p. 19)

Quem já viajou para o Oriente, ou, ao menos, fez uma viagem que exceda o padrão comum de distância das viagens Brasil – Europa ou Brasil – Estados Unidos sabe o quanto o deslocamento prolongado “tira do ar” o sujeito movente. A primeira parte do livro de Helena trata justamente desse sujeito em trânsito, deslocando-se na longuíssima trajetória. E assim se abre o livro:

#### FUSO HORÁRIO

Viagem redonda  
Rastreado  
O curso do sol  
E o arco da terra  
- trinta horas  
Entre o céu e o chão.

Do feixe de fusos horários  
Dista a noite  
Salta o dia  
Vermelho  
Precipitado  
Sobre as montanhas

Penduradas de neve.

O longo dia

Aceso

Na viagem sem noite

Viagem redonda em volta do sol.

Nessa viagem que se antecede vermelha, a bola rubra do sol persegue o avião. O predomínio do astro durante toda a viagem embola os fusos e desestabiliza o ser, já desestabilizado pela falta de contato com o chão. O vermelho cereja do astro parece antecipar as cores do Japão e a viagem redonda completa o círculo yin-yang.

Com efeito, tantas horas de deslocamento, aliadas às necessárias conexões e escalas, fazem com que, ao chegar ao seu destino final, um misto de alívio e angústia se instaure ao passageiro: alívio por finalmente ter alcançado a “terra prometida”; e angústia porque tudo ali não é do “seu” mundo – rostos, línguas, hábitos, comida, cultura. Como se comportar nessa nova configuração, tão longe de todos os paradigmas que nos enraízam ao conforto do cotidiano?

*O outro lado do dia* relata essa experiência, através de sessenta e dois poemas, devidamente divididos em quatro partes, antecedidos por uma esclarecedora e necessária apresentação, intitulada “Japão – o país do mistério”, em que a autora aborda, denotativamente, as impressões deixadas na sua viagem ao Oriente.

Atravessado o mundo, o eu-lírico de Helena chega à “sua” Ítaca particular, o Japão. E aí, ao longo das próximas quarenta e oito poesias, dá-se o que podemos chamar de “desafio da impenetrabilidade”: a fascinante cultura que se desdobra diante dos seus olhos não lhe permite penetrar além da superfície epidérmica do que se lhe apresenta.

Em estudo no qual compara *O outro lado do dia* ao romance *Rakushisha*, de Adriana Lisboa, o crítico Cláudio Marcanth afirma:

Em 1980, a escritora brasileira Helena Parente Cunha ganhou da Fundação Japão a mesma bolsa que Adriana Lisboa e Haruki ganharam. Helena também quis registrar artisticamente a sua passagem por um país onde se viu rodeada de “zonas densas, inteiramente fechadas à minha (de Helena) compreensão.” O resultado está na obra *O Outro Lado do Dia (Poemas de uma viagem ao Japão)* (Cunha, 1995). Nas páginas que apresentam o livro, encontramos um oportuno lembrete de Gilberto Mendonça Teles: “Mas ainda que o seu plano de conteúdo esteja inteiramente ref(erenciando a cultura japonesa, o corte retórico bem como todas as instâncias dos poemas se processam dentro da lógica e da visão do homem ocidental.”

E completa:

Os personagens de Adriana Lisboa - Celina e Haruki -, a própria Adriana e a poeta Helena Parente Cunha aparentemente acabam se reconciliando com a impossibilidade de enxergar o outro. Mas essa sabedoria resignada só chega depois de uma dolorosa revolução interior...

*O outro lado do dia* mostra então uma serena e necessária subversão nas categorizações já anteriormente elencadas, na medida em que o perfil do indivíduo que viaja ao exterior para aquisição de conhecimentos acadêmicos adquire contornos insuspeitos de profundidade que vão além da mera aquisição de conhecimentos cerebrais. Nada mais natural que isso ocorra: a arte, preponderante e superior, sempre vai dobrar todo e qualquer esforço intelectual, por mais bem intencionado que ele possa ser.

Seja visitando o monte Fuji ou a cidade sagrada de Nikko, seja contemplando as imagens de Buda ou da deusa Ryuzu Kannon, Helena delinea seus textos a partir do que se pode chamar de uma estética intencionalmente sofisticada. Analisando o livro, a professora Christina Ramalho já atentou para dois elementos que não se podem deixar de notar: (1) o uso da mancha textual como recurso recorrente em mais de uma poesia (e, nesse contexto, o poema “A ponte do palácio imperial” é emblemático, visto que cada grupo de estrofes parecem formar pequeninos desenhos de pontes na página em branco); (2) a presença constante de elementos sinestésicos, o que reforça a impressão da intensidade impactante que causa a absorção do mundo oriental através dos mais diversos sentidos:

#### DIAGONAL

Os olhos em diagonal  
Percorrem  
Adjacências maiores  
E silenciam  
Na quietude dos rostos  
Cor de pérolas mornas.

Sob o reto  
Do liso preto em cabelos

Rostos que se delineiam a partir da geometria dos sentidos: faces que se desenham pela temperatura, olhos orientais que se constroem pelos ouvidos. Nessa sensível construção sinestésica, caras se apresentam através do tato, da visão, da audição. E o povo se mostra em sua aparência tipicamente oriental perante o eu-lírico: epiderme que fascina e atrai, mas que, por outro lado, não se facilita na hora de mostrar mais do que apenas a aparência.

Vale a pena notar ainda outro recurso cuja recorrência não pode deixar de ser analisada: em um interessante e divertido estratagema, a autora entrega ao leitor um verdadeiro “ouro de tolo”, que consiste em desenhar, quase pictoricamente, diversos elementos de natureza morta, os quais, surpreendentemente, ganham vivacidade e significação. Não poderia ser de outro modo, aliás; caso contrário, os poemas de Helena alcançariam a beleza imobilizada dos objetos orientais tão ao gosto dos poetas parnasianos (e o célebre “vaso chinês”, de Alberto de Oliveira não pode deixar de nos vir à mente nesse momento). Entretanto, ao delinear as cortinas de bambu das residências orientais ou as delicadas bonecas de porcelana, a poeta surpreende: longe de serem apenas adornos literários, eles, em seus detalhes reveladores, constituem senhas para que um pouco mais da cultura japonesa se vislumbre ao eu-lírico e aos leitores. Nesse sentido, o poema “Cortina de Bambu” (p. 39) é emblemático:

Ergo  
A cortina de bambu  
Que se enrola  
Em planos impalpáveis  
E vejo  
Esquivas sombras  
Resvalantes.

Os kimonos caem  
Fechados nas secretas pregas.

Cinzas cobrem  
Pacientes pérolas.

As cinzas alegadas  
Ao fogo dos incêndios

(vulcões)

(terremotos)  
(bombardeios).

Ergo  
A cortina de bambu  
E adivinho  
O vento que esmorece as  
Sombras  
Pregas  
Cinzas  
(sob).

“Como entender que eu não posso entender?”. Os dois primeiros versos do poema significativamente intitulado “O Começo do Caminho” constituem, ao mesmo tempo, a rendição e a redenção do eu-lírico. Ciente da sua impossibilidade, ele compreende a limitação do entendimento racional e, por isso mesmo, talvez comece a ir além da epiderme do país visitado. Não entender é, nesse caso, compreender por outras vias, através de instrumentalização diversa, que passa ao longe da lógica ocidental. E surge, enfim, o aprendiz. No poema “Aprendizado do silêncio” (p. 89), a não compreensão dos ideogramas japoneses levam ao caminho do saber:

Eu não sabia  
Ler as palavras  
Penduradas na parede  
Mas consentia lentamente  
Ao quieto morno do desenho.

Os signos familiares  
Devagar  
Se diluíam  
Se esvaíam  
Da minha mente.

Eu distava  
Cada vez mais  
Da presença das minhas palavras.

Eu queria  
Cavar na pausa da palha  
Novas palavras para não cair.

Mas consentia  
Sempre mais  
Ao quieto morno do desenho.

Aprendi um novo silêncio  
Convergente  
Na distância  
Daquelas palavras não sabidas.

A partir da compreensão que, se a lógica e a língua japonesas são impenetráveis ao eu-lírico, é apenas através de um novo filtro, de um novo olhar (nem oriental, nem ocidental, mas no entrelugar dentre as culturas) que se pode, enfim, sair do lugar do turista ocasional e, então, dotar a viagem de um caráter permanente, pois, agora, registrado nas entranhas do indivíduo. Em *O outro lado do dia*, temos o que poderíamos chamar de “viajante experiencial”, aquele para o qual o deslocamento trará ensinamentos de caráter duradouro.

E aí, o Japão se consagra, para, logo em seguida, se perder. É chegada a hora da volta ao mundo ocidental. A última parte do livro, significativamente intitulada de “Longe” é composta apenas por um único poema, antiteticamente chamado de “Perto” (p. 95):

Desta janela ocidental  
Da minha rua das laranjeiras  
Entre os cabelos assustados

Dos dois coqueiros frente ao meu prédio  
Daqui  
Junto ao convite maternal das mangueiras  
Daqui  
Deste instante brasileiro  
Que se move aberto  
Pela minha janela carioca  
Daqui  
Da minha verde verdade tropical  
Eu vejo  
Sim eu vejo  
Daqui  
A limpidez dos cedros  
E a serenidade inequívoca dos pinheiros  
Plantados no outro lado do dia.

Canção do exílio às avessas, este poema canta a saudade do lá, da terra fascinante, que talvez melhor se reconheça daqui. E a natureza, assim como no original de Casimiro de Abreu, adquire papel de protagonismo: frente à selvática onda dos coqueiros de cabeleiras assustadas, rememora-se com inevitável saudade os vegetais que personificam características que remetem à placidez da filosofia japonesa. “Limpidez” e “serenidade” são, nesse sentido, paradigmas de sentimentos que, absorvidos da natureza, transparecem na individualidade do eu que do Japão retornou – ou, melhor dizendo, do Japão que está lá, mas mais do que nunca, está aqui, no íntimo de quem passou por experiência tão fascinantemente enriquecedora.

Em qualquer viagem que façam os leitores deste artigo, lembrem-se sempre eles da viagem de Helena Parente Cunha. E, mesmo que não queiram, ou não possam, recobrar os caminhos feitos pelo eu-lírico de tão belo livro, fica então um convite: conheçam, leiam e releiam, penetrem a fundo na vigorosa obra da autora. Que as palavras aqui tecidas sejam um estímulo para que aí o Japão ressoe em cada um do outro lado do dia.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. “O Narrador. Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov”. In: *Obras escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. V.1
- COLASANTI, M. *Passageira em trânsito*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- CUNHA, H. P. *O outro lado do dia* (poemas de uma viagem ao Japão). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- HORTA, M. T. *Poemas do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- LYRA, P. “Viagem: Poesia”. In: CUNHA, H. P. *O outro lado do dia* (poemas de uma viagem ao Japão). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 13-14.
- MARQUES, J. *Personagens femininas: confinamentos, deslocamentos*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.
- MEIRELES, C. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 2 vol.
- RAMALHO, C. (2015). *Caminhos de quando e além, de Helena Parente Cunha. Errâncias do imaginário...* Porto: Universidade do Porto, 2015. p. 118-139

**Recebido:** 26.02.2015 – **Aprovado:** 11.03.2015